

LITERATURA ITALIANA TRADUZIDA NO BRASIL



LITERATURA ITALIANA TRADUZIDA NO BRASIL: 1900-1950

Literatura italiana traduzida no Brasil é uma pesquisa desenvolvida pela Universidade Federal de Santa Catarina em parceria com a Universidade de São Paulo e financiada pelo CNPq.

Seu objetivo é o mapeamento e o estudo das obras da literatura italiana traduzidas e publicadas no Brasil entre 1900 e 1950.

Os painéis e livros aqui apresentados estão distribuídos em nove percursos temáticos, que traçam as tendências dos principais fluxos históricos e artísticos identificados durante a pesquisa. Eles retratam, ainda, sincrônica e transversalmente, o intenso diálogo entre dois sistemas literários, o italiano e o brasileiro, expressão de culturas tão estreitamente ligadas.

Faz parte deste projeto o *Dicionário Bibliográfico on-line de Literatura Italiana Traduzida*, que pode ser acessado no endereço www.dlit.ufsc.br. Nele, é possível consultar o inteiro arquivo de dados, fruto desta pesquisa.

Curadores e equipe:

ANDREA SANTURBANO
LUCIA WATAGHIN
PATRICIA PETERLE

AISLAN CAMARGO MACIERA
ALINE FOGAÇA DOS SANTOS REIS E SILVA
ANNA POOELY GAEST ODORIZZI
CELENE DA SILVA RIBEIRO
ÉGIDE GUARESCHI
ERICA SALATINI
FERNANDA MORO CECHINEL
FRANCISCO JOSÉ SARAIVA DEGANI
IVAIR CARLOS CASTELAN
LEONARDO ROSSI BIANCONI
MARIA AMELIA DIONISIO
PEDRO HEISE
RAFAEL ZAMPERETTI COPETTI
ROBERTA REGINA CRISTIANE BELLETTI
SARA DEBENEDETTI
SUELEN DE BORTOLO
TADEU DA SILVA MACEDO

DANTE NO BRASIL

PRIMEIRAS TRADUÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

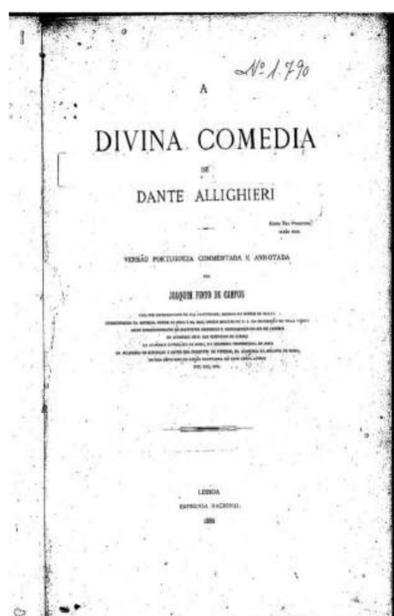
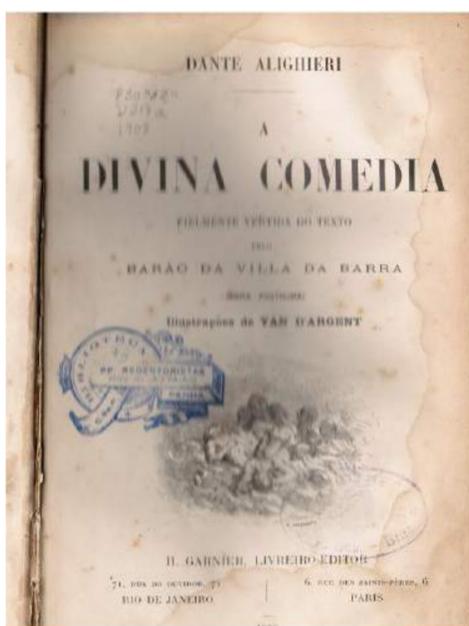
Por incrível que possa parecer, a primeira tradução (ainda que parcial) em língua portuguesa da *Divina comédia* de **Dante Alighieri** (1265-1321) foi publicada no Brasil. Em Portugal, a primeira versão (também parcial) da *Comédia* só apareceu dez anos depois da brasileira, talvez em consequência desta. No Brasil, deve-se a **Luiz Vicente De Simoni**, médico italiano radicado no Rio de Janeiro, a iniciativa de selecionar trechos da obra dantesca para traduzi-los na língua de Camões. Foi assim que, em 1843, veio à luz o *Ramalhete Poético do Parnaso Italiano*, publicado no Rio de Janeiro pela Tipografia Villeneuve.



Dante Alighieri
Raffaello Sanzio, *Parnaso* (detalhe).
1510-1511. Musei Vaticani, Roma.

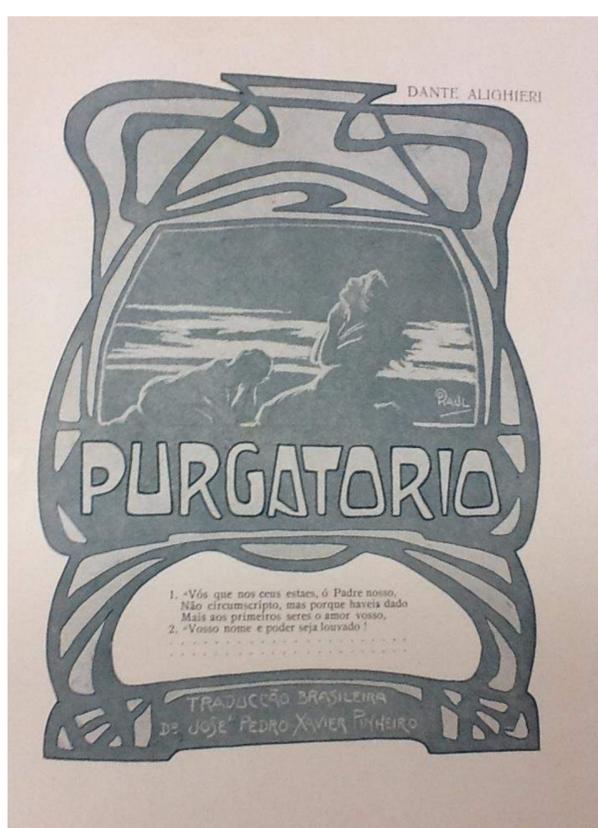
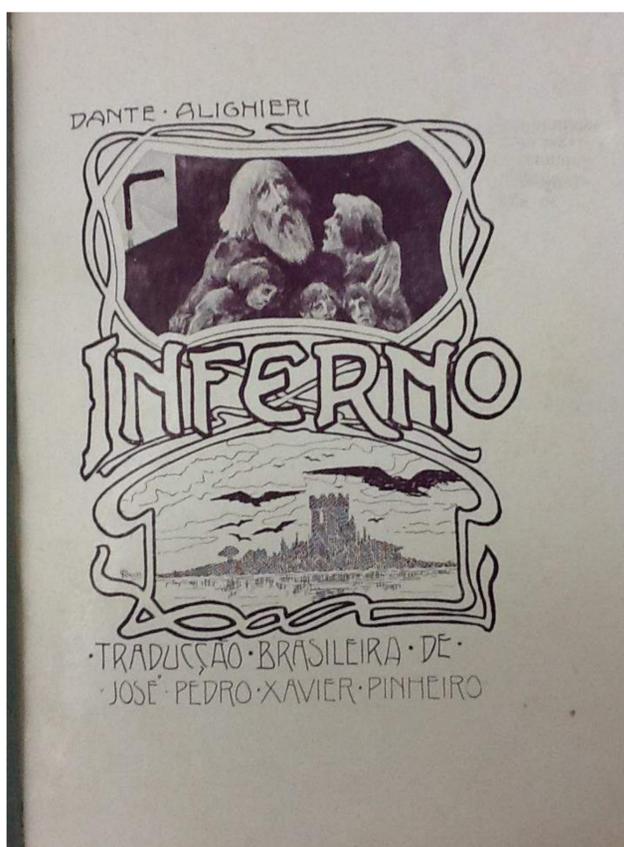
O INFERNO E A VERSÃO INTEGRAL

Joaquim Pinto de Campos foi o primeiro tradutor a publicar a versão completa do *Inferno*, com extensa introdução e notas para cada canto. Pinto de Campos era monsenhor, nascido em Pernambuco; sua tradução, porém, foi publicada em Lisboa, em 1886, pela Imprensa Nacional, com o título *A divina comédia*, mesmo apresentando apenas o *Inferno*. Um ano depois, em 1887, saiu no Rio de Janeiro, pela Imprensa Nacional, a primeira versão completa da *Divina comédia* em língua portuguesa, graças a Francisco Bonifácio de Abreu, vulgo **Barão da Vila da Barra**. No ano seguinte, em 1888, também no Rio de Janeiro, o leitor brasileiro ganhou a tradução do *Inferno* de **José Pedro Xavier Pinheiro**, desta vez pelo editor J. L. de Freitas.

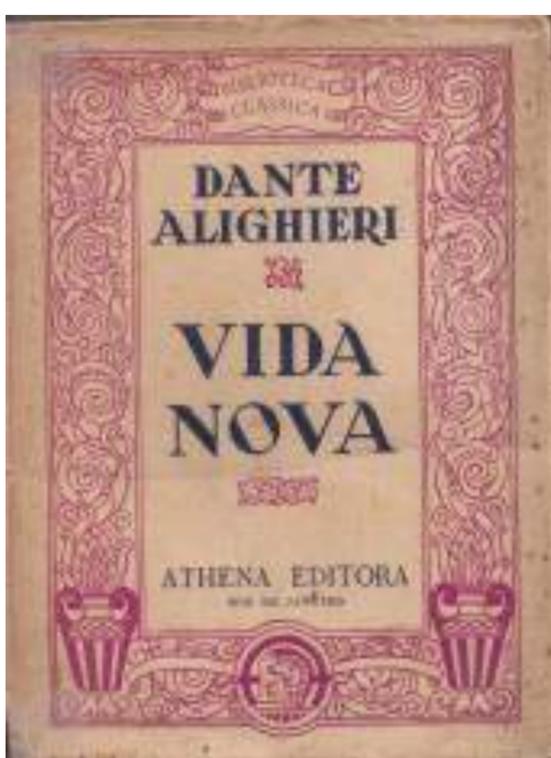


PRIMEIRAS TRADUÇÕES INTEGRAIS DA *DIVINA COMÉDIA*

A segunda tradução completa da *Divina comédia*, assinada por **José Pedro Xavier Pinheiro**, foi publicada póstuma (assim como a primeira, do **Barão da Vila da Barra**) em 1907, graças à perseverança do filho do tradutor. No prefácio à tradução, J. A. Xavier Pinheiro conta que o pai teria sido incentivado a traduzir a obra-prima de Dante por um colega da mesma repartição, “o psicólogo de Brás Cubas”. Eis o que relata o filho: “O sr. **Machado de Assis** achou que a tradução era primorosa e que quem tinha tão bem compreendido o poeta florentino, podia traduzir todo o poema e isso o disse, de viva voz, a meu progenitor, que proclamava o seu colega como o causador dele ter posto todo o resto de sua existência na trasladação do poema para a nossa língua”.



OUTRAS OBRAS DE DANTE

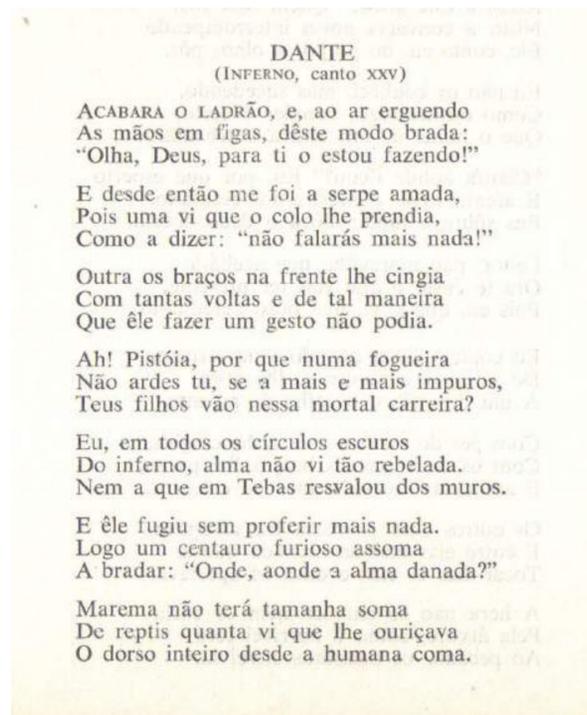


Praticamente todas as outras obras do poeta florentino permaneceram no olvido até a década de 1950, quando surgiu a primeira (e até hoje única) edição das *Obras completas* de Dante em português. A exceção cabe à obra da juventude do poeta, a *Vida nova*, que ganhou tradução feita a quatro mãos, publicada em 1937 pela editora Athena (e reutilizada no volume dedicado a Dante na coleção dos Pensadores da ed. Abril). Os tradutores são **Paulo M. Oliveira** e **Blásio Demétrio**.

A GRANDE POESIA

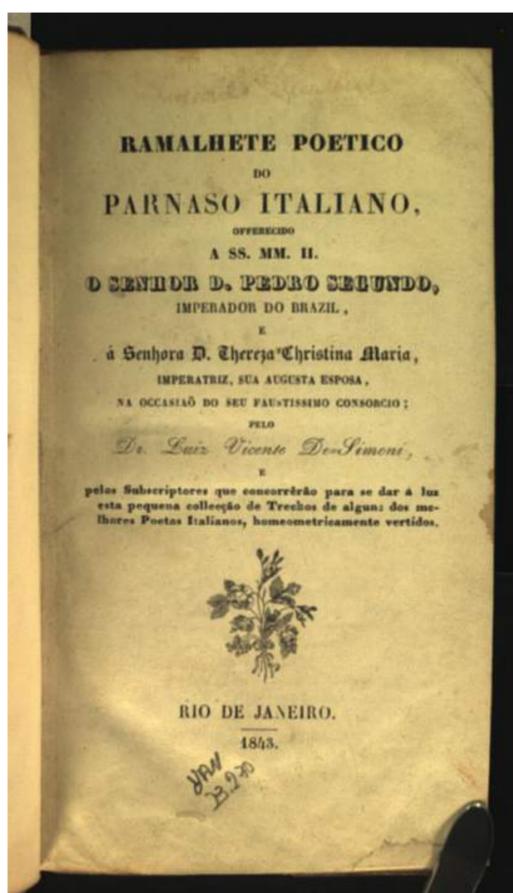
OS PRIMEIROS TRADUTORES

A literatura italiana não poderia faltar na formação dos escritores que nasceram no Brasil ou que para cá vieram. Muita poesia italiana foi traduzida já antes do começo do século XX, não raro por grandes escritores, como **Machado de Assis** e **Gonçalves Dias** (ambos traduziram um canto da *Divina comédia*), ou até mesmo por personagens da história política do Brasil, como o imperador **Pedro II** que, além do poema *Cinco de maio* de **Alessandro Manzoni**, verteu para o português trechos da *Divina comédia*.



Parte da tradução do Canto XXV do *Inferno*, de Dante Alighieri, por Machado de Assis

UM PRESENTE DE NÚPCIAS: O RAMALHETE POÉTICO DO PARNASO ITALIANO



Ainda no século XIX, coube ao médico italiano **Luiz Vicente De Simoni** a primeira grande obra de tradução de poesia italiana no Brasil. Trata-se do *Ramalhete Poético do Parnaso Italiano*, no qual constam vinte e cinco poetas italianos (de **Dante Alighieri** a **Silvio Pellico**), com texto original ao lado da tradução. O desejo do tradutor era constituir um enlace entre as duas nações, espelho do matrimônio que de fato ocorreu em 1843, ano da publicação da obra de De Simoni, entre Pedro II e a princesa napolitana Teresa Cristina.

Deve-se também ao médico italiano a tradução do célebre poema *Dei Sepolcri*, de **Ugo Foscolo**, publicada na coletânea *Gemidos poéticos sobre os túmulos*, em 1842.

OS POETAS TRADUZIDOS

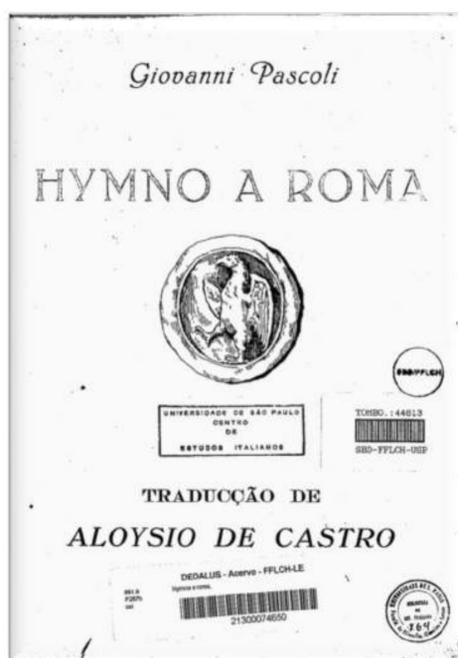
A poesia italiana continuou interessando poetas, tradutores e editoras no Brasil da primeira metade do século XX. Frequentemente as traduções eram realizadas e publicadas por ocasião de centenários de nascimento ou morte.

Em nosso país, circularam traduções brasileiras de poemas de Petrarca (1945), de cantos de Leopardi (1929, 1934 e 1937), dos poemas *Às Fontes do Clitumno* (1907) de Carducci e *Hymno a Roma* (1933) de Pascoli, além de várias edições de fábulas (1927, 1939, 1949) de Trilussa, mas circularam também reedições brasileiras de obras traduzidas em Portugal, como o *Orlando Furioso* de Ludovico Ariosto (1944) e a *Jerusalém libertada* de Torquato Tasso (1944).

O CACIONEIRO DE PETRARCA

A coletânea *O Cancioneiro de Petrarca* (1945) contém os mais conhecidos sonetos do poeta, com o original ao lado e uma introdução. Nela, o poeta tradutor **Jamil Almansur Haddad** sublinha a “influência” de **Francesco Petrarca** (1304-1374) na lírica lusitana e, conseqüentemente, na brasileira, não apenas no que tange à forma poética, mas também ao espírito, à concepção do amor e ao ideal feminino.

A edição é enriquecida com duas gravuras de Luís Jardim.



CANTOS DE LEOPARDI



A edição de 1937 dos *Cantos* de **Giacomo Leopardi** (1798-1837) é uma coletânea de poemas, traduzidos e selecionados por **Aloysio de Castro**, da Academia Brasileira de Letras, “segundo o critério do gosto pessoal”, para nos oferecer “o que a lyrica leopardina tem de mais bello no poder da suggestão poetica, versos de amor e dor e morte. Nem jamais se escreveram mais altos cantos elegiacos”. Encontra-se na edição cópia dos manuscritos de dois idílios e um retrato do poeta.

OS ILUSTRES... DESCONHECIDOS

Il tempo fugge e inganna (“O tempo foge e engana”), escrevia no séc. XV Lourenço de Médici. Isto é: é melhor aproveitar o momento, pois não se sabe o que o futuro vai reservar. A fama, inclusive, pode ser temporária ou efêmera, e a literatura não escapa dessa regra: escritores bem sucedidos numa determinada época podem sem apelo desaparecer das histórias literárias. É o caso de alguns escritores italianos populares nos anos de 20 e 30, pontualmente traduzidos no Brasil, e hoje praticamente... *desconhecidos* nos dois países.



Mas a lista dos “desconhecidos” é grande! Um caso significativo é o de **Ugo Mioni** (1870-1935), abasileirado em **Hugo**, padre, jornalista e escritor, que foi autor de cerca de 150 romances, nove dos quais traduzidos no Brasil entre 1928 e 1948, e todos publicados por editoras de colégios religiosos.



Um deles é **Alessandro Varaldo** (1878-1953), grande autor de policiais, primeiro escritor italiano a aparecer na célebre coleção dos *Gialli* da editora Mondadori, em 1931, com *Il sette bello*. A essa coleção, lançada em 1929, deve-se a definição de *giallo* (“amarelo”, da cor da capa dos livros), termo que ainda hoje é usado para indicar na Itália o gênero policial. Esse mesmo romance foi logo traduzido no Brasil, em 1935, pela Livraria do Globo de Porto Alegre, com o título de *O sete belo*. A mesma editora publicará mais dois livros do escritor italiano, *Os sapatinhos vermelhos*, em 1937, e *A gata persa*, em 1938, este último na tradução de Mário Quintana. Uma curiosidade, que pode não ser uma coincidência, é que a coleção da Globo dedicada aos policiais levava o nome de “Amarela”!



Merecem também destaque outros dois escritores bastante populares na época: **Lucio D'Ambra** (1880-1939) e **Mario Mariani** (1884-1951).

O primeiro é autor da trilogia "Os romances da vida a dois" (no original, *La vita in due*), que a editora Vecchi se encarregou de publicar com os títulos de *Ofício de marido* (1939), *Profissão de esposa* (1940) e *Arte de ser amante* (s/d).

O segundo, Mario Mariani, escritor antifascista que se estabeleceu e morreu em São Paulo, conta com duas traduções brasileiras: *O pobre Christo* (1930), pela Freitas Bastos, e *Nossa Senhora das sete dores* (s/d), pela Companhia Editora Nacional.

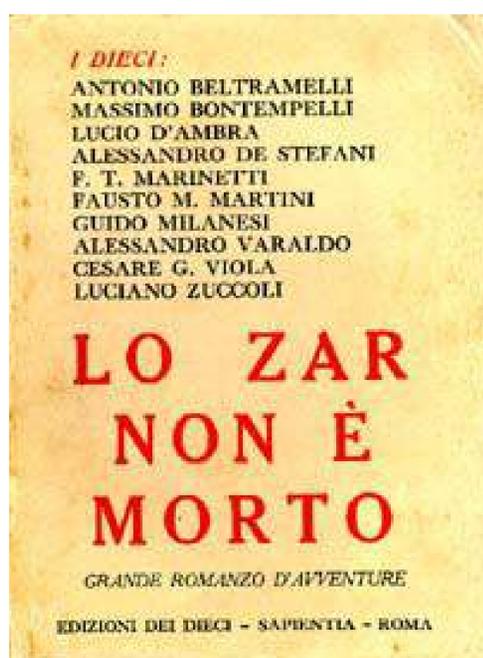


O GRUPO DOS DEZ

Por último, outra curiosidade que não deixará de surpreender bibliófilos e apaixonados de literatura: já em 1929, na Itália, foi publicado um romance coletivo, no intuito de dar projeção mundial à literatura nacional sob o regime fascista. A obra, um caso aventuroso de espionagem internacional, que envolve as maiores potências do mundo, se intitula *Lo zar non è morto* (*O czar não morreu*) e foi escrita por dez escritores diferentes! Escritores que figuravam dentre os mais representativos da literatura italiana naquele momento. E, não por acaso, cinco desses autores foram traduzidos no Brasil. São eles os citados Alessandro Varaldo e Lucio D'Ambra, além de **Luciano Zuccoli** (1868-1929) e mais dois que, ao contrário, ainda hoje tem um lugar importante nas histórias literárias: **Filippo Tommaso Marinetti** (1876-1944) e **Massimo Bontempelli** (1878-1960). Mais uma prova da grande repercussão da literatura italiana no Brasil nessas décadas.



F.T. Marinetti



UM CLÁSSICO ITALIANO: ALESSANDRO MANZONI

ANTES DE OS NOIVOS

A recepção de **Alessandro Manzoni** (1785-1873) no Brasil foi preparada pelo seu sucesso europeu, particularmente na França, antes mesmo da publicação de sua obra-prima, *I promessi sposi* (*Os noivos*). A presença de Manzoni na cultura francesa foi muito grande e via França a fama do escritor se propagou em toda a Europa e na América, pois a cultura francesa era imensamente influente no mundo ocidental. E talvez seja por essa razão que o nome e a obra do escritor começaram a circular no Brasil muito cedo.

TRADUÇÕES À CORTE DE D. PEDRO II

Um dos primeiros ambientes que registrou a recepção de Manzoni no Brasil foi a corte imperial do Rio de Janeiro, com a ode *Cinco de maio*. O interesse dos poetas brasileiros, e do imperador, pela literatura do período romântico italiano tem raízes na afinidade das situações dos dois países, ambos empenhados, no século XIX, na construção da identidade nacional.



1822 O poema *Cinco de maio* foi composto sob o impacto da notícia da morte de Napoleão e logo traduzido por Goethe.

1836 Diante da imediata repercussão na Europa, Gonçalves de Magalhães, considerado o primeiro romântico brasileiro, mostrou apreço pela ode, ao utilizá-la como modelo para o seu poema *Napoleão em Waterloo*, lançado em Paris.

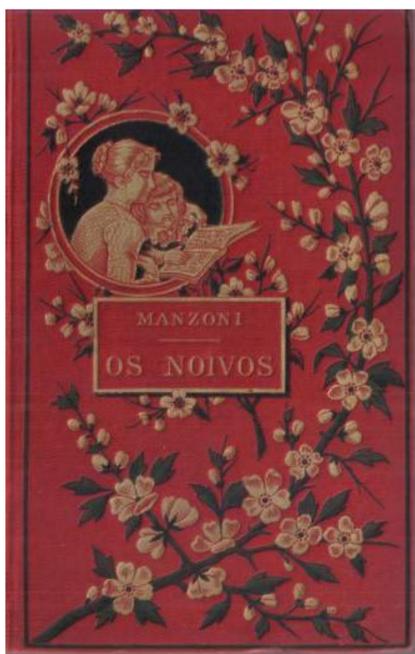
1843 Luís Vicente De Simoni, que, como Gonçalves de Magalhães, foi um colaborador da política cultural de D. Pedro II, incluiu no *Ramalhete Poético do Parnaso italiano* outra tradução manzoniana: o Coro *La guerra fra gli stati italiani* do segundo ato da tragédia *Il conte di Carmagnola*.

1885 Publicação, em um pequeno volume, de três versões em português da ode *Cinco de maio*. A primeira (já impressa em 1857, no Rio de Janeiro) é do importante historiador brasileiro F. A. de Varnhagen. A segunda, publicada em Portugal nos anos 60, é de José Ramos Coelho (o tradutor português da *Jerusalém Libertada* de Tasso). A terceira, composta nos anos 1870, é do próprio D. Pedro II.

OS NOIVOS (*I PROMESSI SPOSI*)

Na primeira metade do século XIX, difunde-se no Brasil a voga do romance, inicialmente em traduções das diferentes línguas europeias. O romance de Manzoni, *I promessi sposi*, publicado em Milão em duas versões, 1827 e 1840, quase certamente não foi traduzido em português até o final do século. A primeira edição brasileira encontrada nessa pesquisa traz a data de 1900 (mas é uma reimpressão, pelo editor José Azevedo, de São Paulo).

Até então o romance é conhecido no Brasil em sua língua original, ou talvez em traduções para outras línguas, particularmente o francês. Na França a fama de Manzoni era tamanha que o romance foi traduzido duas vezes no mesmo ano (1828), ainda em sua primeira versão; em 1832 já circulava uma terceira tradução, assinada pelo marquês de Montgrand. Esta tradução integrou a biblioteca particular de Machado de Assis – provavelmente em sua 3ª ou 4ª edição (Paris, Garnier, 1877).



Gravura de edição da Garnier, de 1902

Dela parte provavelmente o editor-livreiro Garnier do Rio para compor sua edição de *Os noivos* (1902), que contém preciosas ilustrações e cujo texto, não assinado, é traduzido a partir do francês.

As traduções que se seguem na primeira metade do século XX, assinadas por Marina Guaspari e Raul de Polilo, brilham pela escolha de cortar trechos de capítulos, e até inteiros capítulos do romance. A ideia de traduzir somente as partes consideradas interessantes pelos tradutores e editores (que resulta inevitavelmente na eliminação dos capítulos dedicados à descrição da peste e das revoltas populares em Milão) não era nova: fora sugerida por Goethe, grande admirador de Manzoni, e teorizada e aplicada pelos tradutores franceses de *I promessi sposi*.

A segunda metade do século é aberta pela tradução, finalmente completa, de Luis Leal Ferreira (RJ, Vozes, 1951).